

ISRAEL

Manifestantes pedem a saída de Netanyahu

Alvo de protestos expressivos, primeiro-ministro reafirma que vai invadir Rafah e se compromete com resgate de reféns

Após quase seis meses do início da guerra contra o Hamas, cresce entre os israelenses a insatisfação em relação à condução do conflito pelo governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. Durante o fim de semana, milhares de manifestantes foram às ruas em várias cidades do país para reivindicar a libertação imediata dos reféns mantidos pelo movimento islamita, a antecipação de eleições legislativas e a destituição do premiê, que, ontem à noite, foi submetido a uma cirurgia de hérnia. Antes, porém, Netanyahu defendeu a continuidade das operações na Faixa de Gaza.

Alvo de cobranças da comunidade internacional, o premiê israelense, de 74 anos, enfrenta também crescentes pressões internas por seu fracasso em conseguir a libertação dos reféns que continuam retidos em Gaza, após terem sido sequestrados pelo Hamas no ataque de 7 de outubro do ano passado. Os protestos, que já vinham ocorrendo pontualmente em Tel Aviv e Jerusalém, ganharam força no sábado e se espalharam por Caesarea, Raanana e Herzliya.

Na noite de ontem, milhares de israelenses se manifestaram em Jerusalém, enquanto as negociações para um acordo parecem estagnadas. Tendões foram montadas nas imediações do Knesset, o parlamento do país, por grupos que pretendem ficar no local até quarta-feira.

Em resposta aos protestos, Netanyahu disse compreender a dor das famílias dos reféns, mas defendeu a continuidade do conflito. Ele se comprometeu com a libertação de todos os que estão nas mãos do Hamas. "Farei tudo para trazer os reféns para casa", afirmou. "Não deixarei ninguém para trás."

O premiê considerou que eleições neste momento — "anterior à vitória" de Israel — seriam um erro, pois paralisariam as negociações pela soltura dos reféns. "O primeiro a se beneficiar disso é o Hamas, e isso diz tudo", assinalou. Também reafirmou que haverá uma ofensiva militar terrestre em Rafah, a cidade do sul de Gaza, para onde mais de metade da população seguiu para fugir dos combates. "Não há vitória sem entrar em Rafah."

» Rápida interinidade

O ministro da Justiça de Israel, Yariv Levin, que também ocupa o cargo de vice-primeiro-ministro, assumiu as funções de Benjamin Netanyahu durante a cirurgia, que exigiu anestesia geral. Os médicos descobriram o problema durante um exame de rotina no sábado. O governo decidiu que o premiê só seria internado para a operação após cumprir sua agenda dominical. Netanyahu usa um marca-passo desde julho de 2023.

Bombardeios

Um cessar-fogo deveria permitir a libertação dos reféns e a entrada de ajuda humanitária no enclave palestino, onde as organizações internacionais alertam para o risco de fome que assombra 2,4 milhões de habitantes. A retomada das negociações entre o Hamas e Israel, impulsionadas por Catar, Egito e Estados Unidos, estavam previstas para ontem, no Cairo, segundo a emissora egípcia Al Qahera, mas houve obstáculos das duas partes. Netanyahu acusou o Hamas de ter "endurecido suas posições".

Enquanto isso, os bombardeios prosseguiram. Ao menos 77 palestinos morreram na madrugada de ontem em Gaza, segundo o governo do Hamas. Os embates se concentraram mais uma vez nos arredores de hospitais, a maioria fora de serviço, e onde, segundo o exército israelense, combatentes islamistas se escondem.

As forças israelenses anunciaram ter matado vários extremistas, inclusive um dirigente do movimento palestino, em uma operação no complexo hospitalar Al Shifa, na Cidade de Gaza, o maior do território. Segundo o grupo islamita, também há militares de Israel no complexo hospitalar Nasser, na cidade de Khan Yunis, no sul da Faixa de Gaza.

AFP

Em Jerusalém, milhares se reuniram em frente ao parlamento e reivindicaram antecipação das eleições no país



AFP



Fiéis tiram fotos do Papa Francisco na Praça São Pedro

No Vaticano, apelo à paz

Diante dos mais de 60 mil fiéis reunidos na Praça São Pedro, no Vaticano, o papa Francisco fez um apelo à paz ao celebrar a missa da Páscoa. O pontífice pediu que as pessoas não se rendam "à lógica das armas" durante a bênção *Urbi et Orbi* (a cidade e o mundo). "Não permitamos que as hostilidades em andamento continuem a afetar seriamente a população civil, já exausta, especialmente as crianças. Quanto sofrimento vemos nos seus olhos. Com o seu olhar nos perguntam: Por quê? Por que tanta morte? Por que tanta destruição?", afirmou.

O papa argentino, de 87 anos, mencionou os diversos conflitos que afetam o mundo. Ele reiterou o pedido de libertação dos reféns

israelenses e de um cessar-fogo imediato em Gaza, no momento em que começa uma nova série de negociações para uma trégua.

Também defendeu uma "troca geral de todos os prisioneiros entre a Rússia e a Ucrânia", países em guerra desde fevereiro de 2022, quando Moscou invadiu a ex-república soviética.

"A guerra é sempre um absurdo e uma derrota! Não permitamos que ventos de guerra cada vez mais fortes soprem sobre a Europa e o Mediterrâneo. Não nos rendamos à lógica das armas e do rearmamento", completou.

Bem disposto, Francisco acenou e abençoou os fiéis, a bordo do papamóvel. "Viva o papa!", gritaram os peregrinos, fotografando com smartphones.

ESCÂNDALO DO ROLEX

MP quer que presidente mostre relógios

O Ministério Público do Peru determinou que a presidente Dina Boluarte apresente os relógios da marca de luxo Rolex em sua posse no depoimento que ela vai prestar na próxima sexta-feira. No cargo desde dezembro de 2022, Boluarte é investigada por suspeita de enriquecimento ilícito e ocultação de bens. No Congresso, partidos de oposição começam a se mobilizar para tentar destituir a presidente.

Na madrugada de sábado, Dina Boluarte teve sua residência particular e seu gabinete no Palácio do Governo vasculhados durante uma operação de buscas determinada pela Justiça. Ontem, o MP informou, por meio de nota, que os policiais não encontraram os objetos, por isso ordenou a entrega. Assinalou, porém, que "foram obtidos outros elementos de interesse para a investigação". Segundo a

imprensa local, os agentes localizaram documentos de quando um dos relógios teria sido adquirido.

As investigações do caso, que vem sendo chamado de Escândalo do Rolex, começaram em 18 de março, dias após uma reportagem exibida no programa *La Encerona*, segundo a qual Boluarte exibiu inúmeros relógios da grife entre 2021 e 2022. A presidente nega a acusação e diz ter apenas um exemplar antigo da marca, adquirido "com seu esforço". Ela classificou a ação do MP como "arbitrária, desproporcional e abusiva".

Após o comunicado do Ministério Público, a presidente, também por nota, pediu que seu depoimento seja tomado "de forma imediata, a fim de esclarecer o mais rápido possível os fatos que são matéria de investigação". Ela argumentou que a celeridade se

faz necessária diante da "turbulência política que está se produzindo" no país. Ela não confirmou, no entanto, se levará ou apresentará os relógios da marca Rolex, objeto da investigação.

A defesa da presidente disse, no sábado, que os policiais haviam encontrado relógios durante as diligências no Palácio de Governo. O advogado Mateo Castañeda informou aos jornalistas que eram aproximadamente 10. "Dentro desse número havia alguns relógios bonitos, mas não posso dizer quantos eram da marca Rolex".

Impeachment

Caso as investigações avancem e o MP ofereça denúncia por enriquecimento ilícito, Dina Boluarte só será levada a julgamento depois de julho de 2026, após

o término do seu mandato, como estabelece a Constituição. O escândalo, contudo, pode levar a um pedido de impeachment no Congresso por "incapacidade moral".

Mas para que isso ocorra será necessário que as bancadas de direita que controlam o Parlamento unicameral e são a principal sustentação da presidente se unam às bancadas minoritárias de esquerda. Uma aliança, teoricamente, difícil de se concretizar.

No sábado, 26 dos 130 congressistas da bancada de esquerda, entre eles a do partido ao qual pertenceu Boluarte, apresentaram uma "moção de vacância" contra a presidente à Mesa Diretora do Parlamento. O número é bem inferior ao necessário para dar a largada. Para que os debates aconteçam, a proposta deve antes ser aprovada por 50 legisladores.

Presidência do Peru/AFP



A presidente do Peru, Dina Boluarte: suspeita de enriquecimento